

O Estado de S. Paulo
Sexta-feira, 18 de janeiro de 2002

Preocupante e desalentador início do governo Duhalde

PRESIDENTE PARECE LONGE DE CONSEGUIR ARTICULAR UM PROGRAMA ECONÔMICO COM CREDIBILIDADE

*Rogério L. Furquim Werneck**

Nunca houve muito espaço para ilusões acerca do fim do *uno a uno*. O abandono do problemático regime cambial argentino estava fadado a ser custoso e desgastante. Tais eram as possíveis dificuldades envolvidas que, a enfrentá-las, Cavallo preferiu o suicídio político, arrastando consigo o governo De la Rúa e precipitando a Argentina numa das piores crises da sua história. Na tentativa desesperada de dar sobrevida ao agonizante regime cambial, ainda deixou como legado a mixórdia do *corralito*.

Mesmo para um governo sério, com sólido respaldo político e que dispusesse de excelente equipe econômica, já seria um desafio considerável desarmar o *corralito* e administrar uma transição minimamente ordenada para um novo regime cambial. Para um governo com inequívoco vezo populista, inseguro acerca do apoio político com que efetivamente conta e dotado de uma equipe econômica de pouca envergadura, o desafio vai claramente assumindo proporções de missão impossível.

Há duas semanas, o mundo respirou aliviado quando a Argentina emergiu da acefalia com um novo presidente, escolhido pelo Legislativo para permanecer no cargo até dezembro de 2003. Qualquer governo era melhor do que nenhum governo. É verdade que não havia margem para dúvidas acerca do caráter manifestamente populista da carreira política de Eduardo Duhalde. Mas, entre os mais otimistas, subsistia a esperança de que, em face da profunda gravidade da crise que lhe coube enfrentar, emergisse do velho populista o descortino necessário para lidar adequadamente com a situação. Hoje tal esperança parece bem mais infundada do que há 15 dias.

A essência da dificuldade de saída do regime cambial argentino é a inevitável imposição de perdas que deve acarretar. E é em processos decisórios que envolvem distribuição de perdas que o comportamento populista costuma aflorar com mais nitidez. A complexidade da distribuição de perdas, que agora deve ser equacionada, foi brutalmente amplificada quando Duhalde prometeu, pouco depois de eleito, que preservaria a maior parte das famílias e das pequenas empresas endividadadas em dólares de qualquer perda decorrente do impacto da desvalorização cambial sobre suas dívidas. E quando também prometeu que quem havia feito aplicações financeiras em dólares poderia sacá-las em dólares. Com a primeira promessa Duhalde conseguiu uma semana de tregua nos painéis. Acalmou momentaneamente a classe média, especialmente a da cidade de Buenos Aires, que nunca mostrou grande simpatia pelo novo presidente. Com a segunda promessa -- uma meia verdade, se tanto -- teve menos sorte. Viu-se diante de novos distúrbios e painéis já na sexta-feira passada, quando a equipe econômica teve de esclarecer que os saques das aplicações em dólares só poderiam ter início a partir de 2003.

Como as contas do sistema financeiro simplesmente não fecham, e o governo está virtualmente quebrado, a Argentina precisa desesperadamente de recursos externos, seja de instituições multilaterais e governos dos países desenvolvidos, seja das matrizes dos bancos estrangeiros que operam no País. Mas o governo ainda parece longe de conseguir articular um

programa econômico com credibilidade suficiente para começar a restaurar a confiança e assegurar o influxo necessário de capitais externos.

Já nos seus primeiros pronunciamentos como presidente, o discurso populista de Duhalde não deixava dúvida sobre seu apego a um projeto arcaico de fechamento da economia e sobre sua hostilidade ao sistema financeiro e ao capital estrangeiro. Anunciou a entrega do ministério da Produção a empresários que são defensores notórios de medidas protecionistas radicais. Proclamou pomposamente que chegara ao fim a aliança do governo com o poder financeiro e que estava tendo início a construção de uma nova aliança com a “comunidade produtiva”. E deu alento a uma desastrada e inoportuna demonização dos grandes grupos internacionais vinculados na Argentina ao setor financeiro, às empresas prestadoras de serviços de utilidade pública e à indústria petrolífera. Foi o suficiente para fazer murchar, nos organismos multilaterais e nos governos dos países desenvolvidos, a simpatia pela difícil situação com que se via obrigado a lidar o recém-empossado presidente.

Não há como subestimar a gigantesca tarefa de reconstrução de confiança que a Argentina tem pela frente. Não se trata de simplesmente reconstruir a imagem externa do país. Mas, principalmente, de restabelecer a confiança do povo argentino no governo, no sistema financeiro, nas leis, nas regras do jogo político e nas instituições de um modo geral. Tendo a Argentina sido governada por cinco presidentes nos últimos trinta dias, é um tanto assustador imaginar que Duhalde possa acabar não se mostrando capaz de pelo menos dar um início convincente a esta reconstrução. Mas o certo é que suas primeiras semanas de governo se revelaram profundamente desalentadoras.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.